

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE FILOSOFIA

Donizete Leonardo de Melo



**O PENSAMENTO METAFÍSICO ARISTOTÉLICO E SUA INTERFASE
COM TOMÁS DE AQUINO**

São Luís
2011

DONIZETE LEONARDO DE MELO

**O PENSAMENTO METAFÍSICO ARISTOTÉLICO E SUA INTERFASE
COM TOMÁS DE AQUINO**

Monografia apresentada ao Curso de
Filosofia da Universidade Federal do
Maranhão para obtenção do grau de
licenciado em Filosofia, sob orientação da
Prof^o. Dr. José Fernandes.

Prof^o. Dr. José Fernandes

São Luís
2011

DONIZETE LEONARDO DE MELO

**O PENSAMENTO METAFÍSICO ARISTOTÉLICO E SUA INTERFASE
COM TOMÁS DE AQUINO.**

Monografia apresentada ao Curso de
Filosofia da Universidade Federal do
Maranhão para obtenção do grau de
licenciado em Filosofia.

Aprovado em: / /

Nota: (_____)

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. José Fernandes. (Orientador - UFMA)

Professor(a) (2º Examinador-UFMA)

Professor(a) (3º Examinador-UFMA)

MELO, DONIZETE LEONARDO

O pensamento metafísico Aristotélico e sua interfase com TOMÁS de Aquino/
Donizete Leornado de Melo- São Luis, Ma – 2011

39 pag.

Impresso por computador (fotocópia)

Orientador: José Fernandes

Monografia (Graduação)- Universidade Federal do Maranhão, curso de Filosofia,
2011.

1. Metafísica . 2. Interfase. I. Título.

CDD 111.1

IM MEMORIUM

Manoel Justino de Melo (pai)

Joaquina Maria Leonardo de
Melo (mãe)

Nicéia Leonardo De Melo (irmã)

Adriana Aleluia Leonardo (filha)

AGRADECIMENTOS

A Deus e a todo mundo, aos meus filhos - Winnie Mandela e Che Guevara as minhas esposas pelo apoio e compreensão nos momentos mais difíceis sem precedentes.

Ao professor Baltazar macaíba que me incentivava a não desistir do curso, aos meus orientadores preliminares, professor Rodrigo e professora Judite, ao Doutor em Filosofia José Fernandes pela sua vastíssima capacidade, de meu orientador do projeto e agora da Monografia, em caráter especial a todos os meus professores do curso de Filosofia, e a final aqueles que colaboraram diretamente e indiretamente para que eu chegasse à linha de chegada de conclusão em todo transcurso dos oitos períodos.

RESUMO

Este trabalho tem como finalidade expor a interfase do pensamento metafísico de Aristóteles e Tomás de Aquino. Para tanto seria utilizado como referência bibliográfica *A Metafísica* de Aristóteles e *Ente e Essência* Tomás de Aquino. A relevância desta pesquisa se concentra na identificação da influência do pensamento metafísico aristotélico na formulação das teorias metafísicas tomista, quando São Tomás de Aquino explica a existência de Deus por meio dos postulados aristotélicos, refletindo sobre sua interfase realística, suas dimensões de extensão ontológicas do ser, essência, ente e existência, ato e potência, matéria e forma substância e acidente. A valorização do pensamento metafísico através de sua interfase plena com Tomás de Aquino, pode assim dizer, situa-se na contemporaneidade são aos nossos olhos uma original e autentica teologia ou teoria complacente de Deus. O “Logos” da vida da verdade não tem nenhum pressentimento qualquer de acabar com a visão embrionária do pensamento metafísico de Aristóteles e sua interfase, mesmo porque, e deveras impossível desvendar toda problemática envolvida neste processo aristotélico e tomista, esses dois incomparáveis pensadores ocidentais que o tempo não esqueceu.

Palavras-chave: Metafísica. Aristóteles. Tomás de Aquino. Interfase.

ABSTRACT

This work aims to expose the interphase of metaphysical thinking of Aristotle and Thomas Aquinas. To do so would be used as a bibliographic reference the Metaphysics of being and essence Aristotle and Thomas Aquinas. The relevance of this research focuses on identifying the influence of metaphysical thinking in the formulation of Aristotelian thomistic metaphysical theories, when St. Thomas Aquinas explains the existence of God through the Aristotelian assumptions, reflecting on his realistic interhphase, their ontological dimensions of the extension be, essence, being and existence, act and potency, matter and form substance and accident. The appreciation of the metaphysical thought through its full interphase with Aquinas, so can say, lies in our contemporary eyes are an original and authentic theology or theory forgiving God. The “Logos” of lifes has no truth any feeling of ending the embryonic vision of metaphysical thinking of Aristotle and its interfase, because, and quite impossible to solve all problems involves in this process Aristotelian and Thomist, these two incomparable Western thinkers time did not forget.

Keywords: Metaphysics, Aristotle, Thomas Aquinas, Interphase.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	Erro! Indicador não definido.
2. ARISTÓTELES E SEU TEMPO	Erro! Indicador não definido.
2.1. <i>CONTEXTO POLÍTICO-SOCIAL</i>	Erro! Indicador não definido.
3. A METAFÍSICA DE ARISTÓTELES	Erro! Indicador não definido.
3.1. <i>Suas características</i>	Erro! Indicador não definido.
3.2. A TEORIA DO SER.....	Erro! Indicador não definido.
3.3. ATO E POTÊNCIA	Erro! Indicador não definido.
3.4. MATÉRIA E FORMA.....	Erro! Indicador não definido.
3.5. SUBSTÂNCIA E ACIDENTE.....	Erro! Indicador não definido.
3.6. TEORIA DA CAUSALIDADE.....	Erro! Indicador não definido.
4. O PENSAMENTO METAFÍSICO DE TOMÁS DE AQUINO	Erro! Indicador não definido.
4.1. O PENSAMENTO TOMISTA NA IDADE MÉDIA.....	Erro! Indicador não definido.
4.2. A FILOSOFIA TOMISTA	Erro! Indicador não definido.
4.3. CONATURALIDADE	Erro! Indicador não definido.
4.4. O EXPERIMENTO MEDIEVAL, OU A CONFUSÃO DOS UNIVERSAIS	Erro! Indicador não definido.
5. CONCLUSÃO.....	Erro! Indicador não definido.
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	Erro! Indicador não definido.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho monográfico objetiva abordar uma interfase entre os pensamentos metafísicos de dois dos grandes pensadores da Filosofia Antiga e Medieval. A relação que acontece neste trabalho se envolve nos escritos de Aristóteles de Estagira (384-322 a.C.), filósofo da Grécia Clássica, discípulo de Platão, fundador da lógica formal aristotélica e, Tomás de Aquino (1225 a 1274) que concebeu em plena Idade Média uma das mais brilhantes reflexões sobre a metafísica.

A proposta deste trabalho se revela como necessária na medida em que os escritos aristotélicos sobre a metafísica conceberam como primordiais para o desenvolvimento de uma Filosofia que estudasse o ser enquanto ser independente de qualquer outra coisa ou objeto no mundo. Concebendo a doutrina mais plena e clássica do realismo metafísico. Isso porque o seu pensamento constitui a expressão lógica, consegue unir o mundo sensível e inteligível nos conceitos de substância e essência como qualidade que dão conteúdo e sentido as coisas do mundo fenomênico. Neste mundo sensível cada coisa é, existe, tem uma existência e possui uma essência.

A metafísica de Aristóteles conduz a uma visão teológica do ser, como primeiro motor e causa primeira de todos os seres. O termo “Metafísica” não é denominado especialmente por Aristóteles, ela denomina a ciência do ser, ora como sabedoria (Sophia) ora como teologia ou filosofia primeira.

Tomás de Aquino apesar de viver em uma época completamente diferente de Aristóteles, utilizou seus escritos como base para a formação de uma metafísica tomista, baseada na metafísica aristotélica associada com a sua base cristã tradicional. Tendo como princípio básico ontológico do ser em potência e ato.

Este trabalho se inicia com uma contextualização política-social da Grécia clássica e o do contexto cultural de Aristóteles, para assim caracterizar o pensamento de tal autor, retratando mais especificamente sobre seus estudos relacionados à Metafísica, e por fim relata o pensamento de Tomás de Aquino, na idade média a respeito também da Metafísica, fazendo essa interseção entre estes dois autores.

2. ARISTÓTELES E SEU TEMPO

2.1. CONTEXTO POLÍTICO-SOCIAL

Conforme o historiador Mumford¹, Aristóteles nasceu em 384 a.C na cidade de Estagira, então dominada pelos macedônios. Seu pai Nicômaco era médico da corte do rei da macedônia Amintes II. Aristóteles após a morte dos seus pais foi criado por um tio na cidade de Atarneu, colônia grega.

Aristóteles faz parte do período clássico da história da civilização grega e é figura exponencial da filosofia grega.

O mundo vivido por ele é de grande efervescência político e social. Esse momento é o período clássico da *pólis* grega, cuja explosão democrática exerceu grande influência na formação política e social do mundo ocidental.

A época de Aristóteles é intensamente marcada pelos debates políticos, a vida na *pólis*. Debates esse que giravam em torno de dois modelos básicos de constituição política, que eram: o modelo ateniense, em que prevalecia a liberdade e a democracia. Ele era marcado também pela instabilidade política, a corrupção e a demagogia. O outro modelo era a constituição espartana, base jurídica de uma sociedade fortemente organizada, na qual as liberdades individuais eram subordinadas às conveniências da polis.

Aristóteles esteve estritamente ligado ao contexto político de sua época, viveu na corte de Felipe da Macedônia na condição de professor do jovem Alexandre Magno. Ele era, também, amigo de Hércias Tirano de Atarneu. Ademias é visto como o segundo construtor de sua cidade natal.

Pode-se ainda justificar esse contexto com a seguinte citação referencial:

¹ MUMFORD. Luwis. A cidade na História. Col. Espírito do nosso tempo. Belo Horizonte, Itatiaia. 1965.

“A transição da polis helênica para a metrópole helenística e daí a megalópolis alexandrina não foi assinalada por mudanças súbitas; isso porque as instituições e formas desta última já tinham sido prefiguradas nas cidades comerciais da Ásia menor, e, até que Roma veio finalmente acomodar a luta, a polis travou prolongada e desesperada ação de retaguarda, que continuou mesmo depois da derrota de Demóstenes, a fim de preservar sua existência e restabelecer os valores que tinham tornado grande. Ambos os aspectos da vida helenística tornaram-se visíveis na vida e na obra do maior espírito que estudou sob a direção de Platão: Aristóteles”.²

Pelo exposto, a *pólis* foi um resultado dos movimentos de sua época. Por isso é essencialmente necessário compreender a organização sociocultural do mundo grego para compreender o pensamento de Aristóteles, pois estão diretamente interligados na medida em que se concentram como necessários para o desenvolvimento pleno dos pensamentos dos autores daquela época, incluindo Aristóteles.

2.2 Ontologia pré-aristotélica

Na Jônia, com os pensadores de Mileto surgem então às primeiras concepções de uma nova visão do mundo e das coisas, o assombro e o medo que denominavam os povos da época, foram dando lugar à outra forma de reflexão que recebeu o nome de filosofia (Philo- Sophia) ou ainda “amigo ou amante da sabedoria”.

A filosofia de Aristóteles responde, em termos realista aos questionamentos da filosofia pré-socrático, aos quais, oferece uma nova fundamentação para o problema ontológico.

Os filósofos pré- socráticos das escolas eleáticas e pitagórica dão início ao questionamento do ser, conceitualmente camuflado sob a idéia do “elemento físico” primordial de tudo quanto existe.

No período pré-socrático destacam-se Heráclito³ e Parmênides⁴, apesar de apenas restarem alguns fragmentos de sua obra. O primeiro, pregando a mutabilidade

² MUMFORD. Luwis. A cidade na História. Col. Espírito do nosso tempo. Belo Horizonte, Itatiaia. 1965 vol. I. p. 241

³ Heráclito. Fragmento 30.

eterna das coisas, com o que identifica o ser com o não ser. O segundo, negando o movimento ou a transformação das coisas, o que implicava na negação da criação da transformação e da desagregação e morte de tudo quanto existe.

Aristóteles situa-se entre os dois: nega o devir heraclítico e a imutabilidade parmenidiana. Como resposta ele oferece a sua original teoria do ato e da potência, com o que explica o movimento de todas as coisas.

Além disso, Aristóteles concebe a seu mestre Platão suas maiores referências filosóficas.

Na *República* de Platão⁵, mais especificamente no Mito da caverna: as Ideias são as verdadeiras realidades, o que nós vemos como coisas e seres existentes, são sombras, reflexos das verdadeiras coisas. O ser constitui o mundo das ideias. O devir constitui o mundo das sombras. Aristóteles se interpõe a Platão mostrando que todas as coisas desse mundo têm essência e existência.

Platão buscou resolução da mutabilidade do mundo pela separação entre o mundo das ideias e o mundo das sombras. Aristóteles solucionou esse problema a partir do próprio mundo sensível. O ser do devir é real. O ser mutável tem essência e existência. O real é constituído de matéria e forma. Além disso, todo existente tem uma razão de causa para existir.

Dessa forma, Aristóteles responde com realismo lógico ao questionamento metafísico da cosmológica pré-socrática e do idealismo platônico e se impõe historicamente para a formação do pensamento ocidental. Esses assuntos serão retomados nas páginas seguintes, nas quais expressarão os conceitos metafísicos aristotélicos.

⁴ Parmênides. Fragmento 2.

⁵ Platão. *República*. Tradução M.H.da Rocha Pereira. Lisboa, Calouste.

3. A METAFÍSICA DE ARISTÓTELES

3.1. *Suas características*

A metafísica abrange a totalidade do que é, o ser em geral, o ser em harmonia e equilíbrio do todo, e que é ao mesmo tempo bom e belo. A essa totalidade lança seu olhar para desvendar os mistérios entre a ordem e o caos, o determinado e o indeterminado, a matéria e a forma. O mundo celeste é o de movimentos uniformes, harmônicos e rigorosamente previsíveis, enquanto no mundo terreno, a matéria caótica mistura-se ao eterno e, essa interrelação por não se dá de forma total e completa torna-se difícil para os homens conhecê-la, pois ao mesmo tempo em que se apresenta e seduz se aparta a cada instante. Essa pertinência, do ser é real e fundamenta a realidade. Nesse ponto de vista, a metafísica aristotélica é realista e, esse e um passo além, é resposta completa da necessidade que o ser humano traz em si, em virtude de sua própria natureza. Daí pode-se afirmar que ao contrário do que defende o idealismo platônico, para os quais as coisas desse mundo não têm substância nem conteúdo existencial próprio, sendo por isso meras sombras ou cópias das ideias eternas. Aristóteles defende a tese que as realidade do mundo fenomênico existem realmente, porque todas elas têm essência e existência. Além do mais, enquanto para Platão o nosso conhecimento é ilusório porque os nossos sentidos só atingem a aparência ou a sombra da verdadeira realidade que são as Ideias eternas, para Aristóteles o nosso conhecimento é realista porque ele atinge as coisas desse mundo que são verdadeiramente reais. Atingimos o conhecimento por meio dos nossos sentidos, os quais não nos enganam.

Aristóteles expõe que, “nada chega ao intelecto que não passe primeiramente pelos sentidos”.⁶ Esta passagem afirma que só podemos ter ideias daquelas coisas do mundo exterior que nos são transmitidas ao intelecto por meio dos sentidos. Contudo, todo e qualquer saber ou conhecer real e verdadeiro como ciência, só

⁶ Aristóteles. *Metafísica*. Obras, editoras Aguilar, 2ª Ed. Madrid (Espanã).1976

podemos demonstrar verdadeiramente através da lógica, que estrutura e dá valor de veracidade aos juízos, conceitos e silogismos para todas as demais ciências.

A lógica é fonte reveladora do real no pensamento filosófico de Aristóteles, em especial, a sua concepção metafísica do ser “ser enquanto ser”: o conceito é o esclarecer do ser, o juízo é a narrativa substancial do real, o silogismo é a veracidade de essência do ser.

O *pensamento* metafísico de Aristóteles é, portanto, inseparável da lógica, e como tal, é ponto fundamental como característica do realismo aristotélico. Pois, para o referido filósofo a lógica é a condição fundamental para se pensar filosoficamente.

3.2. A TEORIA DO SER

Segundo a *Metafísica* de Aristóteles, A teoria do ser é inseparável do conceito de, que Aristóteles determina como: substância primeira (Ser incorpóreo) quando se trata de uma forma pura, e, substância Segunda (Ser corpóreo) quando se trata da união de matéria e forma. Implica a essa polêmica do Ser o estudo distintivo entre essência e existência.

Aos conceitos aristotélicos de substância e essência vinculam-se a outros dois, o de ato e potência, tratando-se, pois, de dois conceitos correlatos.

A palavra “ser” (esse) significa, de uma parte, existir, estar aí, de outra parte, significa também, ser isso, ser aquilo. Conforme o comentário de Morente:

Por conseguinte, o conceito de "ser" não é um conceito que seja definível. À pergunta: que é o ser? não podemos dar nenhuma resposta. Na realidade, o ser não pode definir-se; a única coisa que se pode fazer com ele é assinalá-lo, que não é o mesmo que defini-lo. Defini-lo é fazê-lo entrar em outro conceito mais amplo; assinalá-lo é simplesmente convidar o interlocutor para que dirija sua intuição a um determinado sítio, onde está o conceito de ser. Assinalar o conceito de ser, isso sim é possível.⁷

⁷ MORENTE, Manuel Garcia. Fundamentos de Filosofia Lições preliminares. Editora Mestre Jou. 1964.

Conforme o exposto, a busca dos metafísicos é uma definição sobre o ser. Sendo assim, a teoria do ser procura quem é o ser em si, correlacionando com o ser em outro, mostrando naturalmente o que existe é, tem substância real. Dessa forma, a existência de Deus é tão certa como qualquer coisa que existe. Deus é Algo necessário, absoluto, não contingente, fundamento, base primária de todas as existências é primária, logo não é matéria, se fosse matéria seria potência, possibilidade, e em Deus nada é possível, mas tudo é real, nada há em potência, mas tudo em ato. “Ao que é perfeito em si, nada lhe pode ser acrescentado e não tem partes fora de si”⁸.

3.3. ATO E POTÊNCIA

No estudo do fenômeno do vir-a-ser, do qual, já havia encontrado os princípios de matéria e forma, respaldado na metafísica aristotélica, descrita na obra com o mesmo título, Aristóteles chega à descoberta dos princípios: ato e potência, que são vistos tradicionalmente como resposta do problema da mudança encontrada nas doutrinas do eleatismo e do heracleísmo. Parmênides, não admite nenhum meio termo entre o ser e o não-ser, nega a realidade do devir: o ser, não pode vir do ser que já é, como também, não pode proceder do não-ser que não é nada, o ser é, portanto, nega o devir. Haráclito reconhecia a realidade da mudança, mas sob o fluxo das aparências não retinha nenhuma realidade estável, portanto, não havia o ser.

Aristóteles reconhecendo que entre o ser no estado acabado, o ser em ato e o puro não-ser, há uma espécie de intermediário, o ser em potência, que já pertence ao real sem estar ainda perfeitamente realizado. A mudança, então, é explicada dizendo-se conforme Aristóteles que, é a passagem do ser em potência ao ser em ato. Colocando um exemplo: um escultor projeta uma estátua. Escolhe um bloco de mármore que talha até o acabamento da estátua. Quando a estátua está terminada, ela está em ato. Antes, evidentemente não existia em ato, mas em potência, embora pareça saltar do puro nada. De fato, escultor apenas pode iniciar a tarefa porque dispunha de uma matéria conveniente, o mármore no caso, de onde, de algum modo,

⁸ ARISTÓTELES. *Metafísica*. Obras. Editora Aguiar, 2ª Ed. Madrid (Espanã), 1967, p. 85.

extraiu a estátua. A fabricação foi uma passagem da estátua em potência à estátua em estátua em ato.

O que há de comum ao estado de potência é de ser uma ordenação ao ato: “*potentia dicitur ad actum*”⁹.

A relação da potência com o ato se trata de uma relação de um estado de imperfeição com um estado de perfeição. A estátua terminada é perfeita, no bloco de mármore existia apenas em estado imperfeito. Ordenação ao ato e imperfeição são os dois caracteres comuns de toda potência. Como expões São Tomás de Aquino que:

As noções de ato e potência estão já implicadas na distinção entre essência e existência. A essência aparece, efetivamente, como o que pode existir, isto é, como existência em potência; a existência é o que confere à essência o ato de existir, isto é, que faz da mesma um ser em ato.¹⁰

Desse modo, quando se refere a ato e potência, tais conceitos já estão inseridos quando se difere existência e essência, sendo a primeira o fato de existir como fenômenos que aparecem ao mundo, e a segunda como aquilo que é único e capaz de diferenciar todos os seres ou objetos.

O ato é anterior á potência. Logicamente o ato é definido antes da potência, pois, a potência não é definida se não pelo ato. Gnosiologicamente o ato é conhecido antes da potência, pois, o estado perfeito, o ato, deve sempre preceder o estado, o ato, deve sempre preceder o estado perfeito, o ato, deve sempre preceder o estado imperfeito, a potência, assim na ordem da geração, deve-se necessariamente partir de um homem feito. Antologicamente o ato existe antes da potência, pois, segundo a substância ou perfeição o ato é igualmente primeiro, por isso, existem seres em ato que são anteriores a toda potência. Segundo Modin, Potência e Ato se caracterizam por:

Potência é qualquer realidade que, como a matéria, tem como propriedades ser indeterminada, ser passiva e ser capaz de assumir varias

⁹ Tradução do Latim: O poder é chamado para o ato.

¹⁰ SANTOS, Theobaldo Miranda. **Manual de Filosofia**. 13ª Ed. São Paulo, Nacional. 1964. L.5 cap. 12.

determinações. [...] Ato é toda realidade que, como a forma, tem como característica ser determinado, finito, perfeito, completo¹¹.

Sendo assim, a característica básica do Ato, que se diferencia opostamente do conceito de potência, está justamente em perfeito, pois é determinado, finito e completo, não permitindo outras possibilidades. O movimento de incessante busca pela plenitude, passagem de um tipo de ser (a potência) a outro tipo de ser (o ato). O ente mutável é o que ele se destina a ser em plenitude. Para o célebre filósofo grego Aristóteles, Potência é conceituada como:

Chama-se potência ao princípio do movimento ou da mudança, situada em outro ser ou no mesmo, mas considerado como se fora outro. Assim, a potência de edificar uma casa não está na casa edificada, mas o poder de curar pode estar no que é curado embora não enquanto curado.¹²

Atitude olha para o cosmo movido por esses dois princípios, ato e potência. Portanto é na doutrina da matéria e da forma, que Aristóteles explica a realidade efetiva do mundo.

3.4. MATÉRIA E FORMA

Na doutrina da matéria e da forma, Aristóteles explica a realidade efetiva do mundo, relatado na sua Metafísica.

A mudança conforme Aristóteles é intuitiva e pressupõe uma realidade imutável de duas espécies: a) um substrato comum, elemento imutável em que a mudança se realiza;b) a essência, as determinações que se realizam nesse substrato, a natureza que ele assume. O primeiro elemento é chamado matéria (prima), o segundo é chamado forma (substancial). O primeiro é potência, possibilidade de assumir várias formas, imperfeição, o segundo é o princípio da atualização do ser,

¹¹ MODIN, Battista. **Curso de Filosofia: Os filósofos do ocidente**. V.1 trad.: Bênoni Lemos; revisão de João Bosco de Lavor Medeiros. 6ª Ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1981 (Col. Filosofia), p. 93.

¹² Aristóteles. Metafísica. Obras, Ed. Aguilar, 2º ed, Madrid (Espanã), 1967.L.5.cap.12, p 968

especificadora da matéria, perfeição. A síntese, o sinolo, da matéria e da forma constitui a substância, e esta, por sua vez, é o substrato imutável em que se sucedem os acidentes, as qualidades acidentais. A mudança, portanto, consiste ou na sucessão de várias formas na idêntica, ou na sucessão de varias qualidades acidentais na mesma essência.

A matéria sem forma, a pura matéria, chamada matéria-prima, é um mero possível, não existe por si, é um absolutamente indeterminado, em que a forma introduz as determinações. A matéria aristotélica, não é o puro não-ser de Platão, mero principio de decadência, pois ela é também condição indispensável para concretizar a forma, elemento necessário para a existência da realidade material, causa pertinente de todos os seres reais. Portanto, não existe a forma sem a matéria, mesmo que a forma seja principio de atuação e determinação da própria matéria. A respeito da matéria, a forma é, com isso, principio de ordem e finalidade, racional, inteligível.

A forma e a matéria são os elementos constitutivos da realidade física. Contudo, a realidade é composta de indivíduos, substâncias, que são uma síntese, um sinolo, de matéria e forma. Por conseguinte, estes dois princípios não são suficientes para explicar o surgir dos indivíduos e das substâncias que não podem ser atuadas, a não ser por outro ser em ato. Este, aliás, é o pensamento de Aristóteles, assim magistralmente traduzido por S. Tomás de Aquino: *nihil agit nisi secundum quod est in actu* (nada age a não ser que exista em ato). Daí parte a necessidade do principio da causalidade para poder explicar a realidade efetiva das coisas. Esse assunto da causalidade será retomado posteriormente quando formos tratar mais especificamente na teoria da causalidade.

A matéria é o elemento de que as coisas da natureza são feitas e sua principal característica é possuir virtualidade ou conter em si mesma possibilidade de transformação, ou seja, de mudança. A forma é o que individualiza e determina uma matéria, fazendo existir as coisas ou seres particulares e sua principal característica é ser aquilo que uma essência é um determinado momento, pois a forma é o que atualiza as virtudes contidas na matéria.

3.5. SUBSTÂNCIA E ACIDENTE

Na *Metafísica* de Aristóteles a substância é a primeira das categorias pronunciadas por Aristóteles, determinando-a, ora como substância primeira, o sujeito concreto individual, ora como substância segunda, a essência abstrata do sujeito.

Aristóteles, na mesma obra afirma que substância “é aquilo que é em si e não em outra coisa”. É o contrário de acidente, que não tem ato próprio de ser, mas para existir deve apoiar-se, deve inerir (inesse) à substância de que é fruto casual. Substância: aquilo que é estrutural e essencial do ser. Acidente: aquilo que é atributo circunstancial e não-essencial do ser. A substância corresponde àquilo que mais intimamente o ser é em si mesmo. Os acidentes pertencem ao ser, mas não necessário para definir para a natureza própria de cada ser. Conforme o filósofo:

O nome de substância aplica-se aos corpos simples, como, por exemplo, a terra, o fogo, a água e outras coisas análogas, e em geral aos corpos que se compõem destas e aos seres que tem corpo. Todas essas coisas se chamam substância porque não são os atributos de um sujeito; pelo contrário, as demais coisas é que são os atributos delas. Em outro sentido, chama-se substância tudo que constitui a causa intrínseca da existência dos seres, que não são atributos de nenhum sujeito, como, por exemplo, a alma nos seres animados. Também se chama substância às partes integrantes dos seres que os definem e que significam sua essência e cuja destruição é à destruição de todo¹³

A explicação de Aristóteles exposta sobre substância fica bem clara no trecho supracitado, mostrando que a substância está diretamente envolvido com a idéia de alma junto aos seres que possuem vida. E para complementar Aquino afirma segundo Aristóteles que:

O ser é tomado em múltiplos sentidos, mas em cada sentido toda denominação se faz com relação a um principio único. Algumas coisas são chamadas entes. Porque são substâncias; outras, porque são determinadas da substância[...]¹⁴

¹³ ARISTÓTELES. *Metafísica*. Obras. Ed Aguilar, 2º edición (espana). 1967. L.5, cap. 8

¹⁴ AQUINO, Tomás de. *O ente e a essência*. Trad. D. Odilo Moura OSB, presença, 1981, p. 101

Pelo exposto, existe grande diferença entre as formas substanciais e as acidentais. Como a forma substância não tem ser absoluto, sem aquilo a que advém, tampouco tem aquilo advém, isto é, a matéria. Donde da conjunção de ambas resulta aquele ser o qual a coisa substitui por si, e delas é feito um ente uno por si. Isso também explica porque da conjunção delas resulta uma essência. A forma, por isso, embora em si considerada não corresponda ao conceito completo de essência, contudo é parte da essência completa. Continua o Aquino a expor:

Ora, das substâncias, umas são simples e outras são compostas. Todavia, em ambas há essência. Nas simples, porém, de modo mais verdadeiro e mais nobre, já que também são causas das substâncias compostas pelo menos o é a substância primeira e simples, que é Deus. [...] Por extensão e de modo geral toda substância é natureza a forma, porque a natureza de uma coisa é também uma espécie de substância.¹⁵

3.6. TEORIA DA CAUSALIDADE

A causa para Aristóteles é um principio, seja do movimento, da natureza ou da existência de um ser. Tudo o que se move é, necessariamente, movido por outro. Como informa o referido filósofo:

Nós não conhecemos a verdade sem conhecer a causa; e a coisa que tem entre as outras eminentemente uma natureza é sempre aquela da qual as outras recebem em comum essa natureza: por exemplo, o fogo é o quente por excelência, porque nos outros entes ele é a causa do calor; por consequentes, o que é a causa da verdade que reside nos derivados, é a verdade por excelência¹⁶.

Dessa forma Aristóteles identifica o que são causas, pois sem essas seria impossível conhecer o que de fato. As causas são de quatro espécies a saber:

¹⁵ AQUINO, Tomás de. **O ente e a essência**. Trad. D. Odilo Moura. OSB, Presença, 1981, p. 65

¹⁶ ARISTÓTELES. **Metafísica**. OBRAS. Ed. Aguilar, 2º edición, Madrid (Espanã). 1967.

1- Causa eficiente, é aquela que, por sua ação física, produz o efeito. O escultor é causa da estátua, como estátua;

2- Causa material, é a matéria de que uma coisa é feita, quer dizer, sob uma forma mais técnica, o que ocorre para a constituição de um composto como parte intrínseca determinável (ou potencial), enquanto que a forma é o princípio determinante (ou ato)

3- Causa formal, é sinônimo de forma, uma vez que a forma é o que concorre para a constituição de um composto como parte intrínseca determinante e especificadora. É assim que a alma humana, que se acrescenta ao corpo, faz dele um ser humano.

4- Causa final, é aquilo por que o efeito é produzido. É então, o termo da ação, na ordem da execução, e o princípio da ação. Sob este aspecto, ela é então causa das causas. Por exemplo: *hipérion* quer ser filósofo: é este fim (intenção que vai levá-lo a fazer tais estudos, a entrar em tal escola, a realizar tais *examis*. Quando conquista o título de filósofo, o fim (ou intenção) será realizado e toda a série de atividades dirigidas por esse fim estará ao mesmo tempo, o princípio e o termo da ação.

Nessa teoria das quatro causas Aristóteles diz que, um ser é o que é em virtude de outro ser que é sua causa. Todo ser que se move supõe um motor que o move. Este por sua vez requer outro motor. E assim, de movido a motor chegamos a um primeiro motor que move todos os demais, como também por conseqüente o primeiro motor. Pois, segundo Aristóteles, o fim é uma causa, e nesse sentido, princípio e fins se identificam. Tal Ser primeiro realiza em si a plenitude. Esse Ser pleno e Primeiro é Deus Uma vez que o Ser primeiro não movido nem causado por nenhum outro ser, só poderá ser a própria perfeição de ser, isto é, o ser perfeito.

4. O PENSAMENTO METAFÍSICO DE TOMÁS DE AQUINO

4.1. O PENSAMENTO TOMISTA NA IDADE MÉDIA

O pensamento metafísico de Aristóteles não ficou indiferente para os pensadores, principalmente para os pensadores da Idade Média. Ele se faz presente de maneira mais nobre e consistente em S. Tomás de Aquino fundamentando as teses da obra filosófica “suma teológica” (*summa theologiae*). Nessas obras monumentais da teologia dogmática católica, São Tomás cristianiza, por assim dizer, o pensamento pagão de Aristóteles, utilizando o seu pensamento filosófico como fundamento dos argumentos de razão, com que ele se propõe justificar a racionalidade da fé cristã. Assim, São Tomás encampa a teoria aristotélica do “primeiro motor” como uma das provas da existência de Deus. Este primeiro Motor, paradoxalmente imóvel e dinâmico não é movido por nada, mas movimenta tudo, como movimento do próprio movimento. Dentre outras abordagens que o Aquinate faz da metafísica aristotélica merece destacar-se a utilização do ato e da potência e da substância e acidentes para a fundamentação racional do dogma teológico da Eucaristia, ou seja, a transubstanciação do pão e do vinho no corpo e sangue de Cristo, em que mudou as substâncias, permanecendo, contudo, os mesmos acidentes físicos, (do pão e do vinho). Dessa forma, o pensamento metafísico aristotélico se configurou de tal forma que sobrepujou o mundo dogmático medieval entre os seus clássicos pensadores, relacionando natural e sobrenatural, razão e fé.

A metafísica da matéria-forma que é designada como hilemorfismo foi difundida também pela escolástica: “o todo é sempre anterior à parte”¹⁷. As partes são pelo todo, e não pelas partes. Todo devir é assim orientado pela forma.

Deus é ato puro, a pura realidade. Nele não há nada por ser nem nada está sendo, mas tudo é neste instante plenamente, com plenitude de realidade. Expões Aquino:

¹⁷ AQUINO, Tomás de. **O ente e a essência**. – trad.: Odilo Moura, OSB, presença, 1981

Igualmente, embora (Deus) seja unicamente ser, não é necessário que careça das demais perfeições e atributos nobres, pois, ao contrário, possui todas as perfeições que estão em todos os gêneros, razão por que é denominado simplesmente perfeito, como, no livro V da metafísica, o fazem o filósofo e o seu comentador. Mas as possui de modo mais excelente que todas as coisas as possuem, porque, nele, as perfeições são unificadas, ao passo que, nas outras coisas, são diversificadas. E tal acontece, porque todas essas perfeições lhe convêm segundo o seu ser simples, como, por exemplo, se alguém por meio de uma só qualidade pudesse realizar as operações de todas as qualidades, de fato teriam contidas naquela única qualidade todas as outras. Assim também Deus possui no seu próprio Ser todas as perfeições.¹⁸

Pelo exposto, já podemos identificar a interfase de Aristóteles com Aquino, mas devemos lembrar que nesta fase de trabalho nossa intenção não é conferenciar toda filosofia da Idade Média, mas mostrar que o realismo aristotélico não passou despercebido pelos pensadores da história da humanidade. E, assim como prova da existência do pensamento aristotélico, como a exemplo a já mencionada Idade Média com a dogmática cristã tão bem representada com São Tomás de Aquino.

Baseado no seu contexto histórico, Tomás de Aquino usa a metafísica aristotélica para fundamentar o cristianismo que está em suas vias de extinção, com a baixa Idade Média. Logo, seu pensamento a respeito da metafísica é baseado na sua teoria cristã, denominada como *suma teológica*. Através da qual Tomás de Aquino afirma através de cinco pressupostos as teorias da existência de Deus por meio da razão.

Sua primeira postulação relacionada ao primeiro motor aristotélico, contudo, São Tomás de Aquino afirma que todas as coisas derivam de um motor, ou uma força, que para tanto necessitam de outra, sendo assim necessário uma força motor que rege todas as outras coisas do universo, sendo assim essa força seria Deus.

4.2. A FILOSOFIA TOMISTA

A trajetória do pensamento de Tomás de Aquino (1225-1274) na história da filosofia é acidentada. Estando vivo o simpático pensador, sua doutrina foi

¹⁸ AQUINO, S. Tomás de. O ente e a essência.- D. Odilo Moura, OSB, Presença, 1981, p. 100.

duramente criticada por várias frentes: os professores seculares da Universidade de Paris, que combatiam os professores oriundos das ordens mendicantes, isto é, os dominicanos e franciscanos; os averroístas latinos, que propunham uma interpretação de Aristóteles contrária às verdades da fé cristã; e, finalmente, os pensadores conservadores da linha agostiniana.

Conforme o historiador Etienne Gilson¹⁹ Ao contrário do que diz certa hagiografia, Tomás de Aquino não era um pensador com a cabeça nas nuvens, lento para agir e puramente racional ao argumentar. Ele combateu seus adversários no campo deles, e sobrepujou a todos. Escreveu em defesa da espiritualidade mendicante; comentou os principais livros de Aristóteles, mostrando os equívocos da interpretação averroísta; e, com a filosofia do Estagirita, construiu uma síntese até hoje não superada.

No entanto, essa vitória teve o seu preço. Pouco depois de sua morte, seus inimigos fizeram uma série de intrigas e conseguiram que algumas teses, ao menos aparentemente dele, fossem incluídas em uma condenação promovida pelo Arcebispo de Paris, Esteban Tempier. Essa condenação jogou um véu de desconfiança sobre o pensamento do Aquinate.

Apesar do apoio decidido da maior parte dos dominicanos, a filosofia tomista passou a ser cultivada por grupos minoritários, contando com a decidida oposição dos teólogos franciscanos. Essa situação perdurou por séculos, apesar de pensadores tomistas terem conseguido fazer valer as teses do mestre em momentos importantes, como nos Concílios de Trento e de Florença.

Os séculos XVII e XVIII não foram nada favoráveis ao pensamento tomista e ao escolástico, ficando os teólogos inebriados com a filosofia moderna. No início do século XIX, de maneira um tanto clandestina, o tomismo começou a ser estudado em algumas cidades italianas, notadamente Piacenza e Nápoles. Apesar de trabalhado nesse âmbito restrito, chegou ao conhecimento de Joachim Pecci, que seria Arcebispo de Perugia e, em 1878, eleito Papa com o nome de Leão XIII.

Em 1879, Leão XIII lança sua segunda encíclica, *Aeterni Patris*, na qual propõe a filosofia de Tomás de Aquino como a resposta para os desafios lançados contra a doutrina católica pelas escolas de pensamento moderno. Esse acontecimento

¹⁹ GILSON, Etienne. **A Filosofia na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

é considerado o começo do neotomismo, ou seja, a escola de pensamento que procurou estudar a obra de Tomás de Aquino compreenderia e aplicaria às necessidades atuais.

O tomismo, até então marginalizado, torna-se, com a bênção papal, ao menos nominalmente, a filosofia predominante da Igreja Católica. Os escritos do filósofo passam a ser editados de maneira rigorosa e são estudados por vários teólogos e filósofos católicos.

Nesse primeiro momento, o neotomismo tem um caráter mais arqueológico, buscando compreender a doutrina de Tomás em continuidade com seus comentadores medievais, sem trazer muitas novidades. Destacam-se nessa fase os franceses Sertillanges e Garrigou-Lagrange, com sólidos trabalhos filosóficos e teológicos.

Contudo, mais importante ainda será a segunda geração neotomista, que procurará redescobrir o pensamento autêntico do mestre. Aparecem aqui as figuras de Étienne Gilson e de Cornelio Fabro, talvez os tomistas de maior relevo no século XX. Ambos sustentam que o núcleo da metafísica tomista é a noção de "ato de ser", que seria uma novidade em relação à filosofia anterior a Tomás de Aquino e que não teria sido bem compreendida pelos seus discípulos, que logo confundiram o "ato de ser" com o mero existir.

Esses temas metafísicos, ainda que apaixonantes, não são o objeto deste nosso estudo. Mas vale lembrar que a metafísica não é uma série de pensamentos obscuros sobre assuntos que não servem para nada. "Em que a metafísica vai me ajudar para fritar ovos, ou para ganhar dinheiro?" Talvez em nada. Mas ela explica a verdade que está por trás do ovo e do dinheiro, e também de nós mesmos. Se não há metafísica, não faz muito sentido fritar ovos, e muito menos ganhar dinheiro. Tudo seria uma grande ilusão, ou simplesmente matéria gerando matéria - afirmar isso já é fazer metafísica, mesmo que de baixa qualidade -, e a liberdade do homem seria um engodo.

A metafísica tomista, conforme estudada por Etienne Gilson e Cornélio Fabro²⁰, representa um avanço em relação à aristotélica, e não uma mera continuidade. Essa percepção abriu caminho para outros tomistas importantes, como

²⁰ GILSON, E; FABRO, C. **O Otimismo de uma Filosofia Cristã do Homem**. In http://www.stoqatpul.org/lat/materials/research07_diceglie.pdf.

Josef Pieper - pese que não quisesse se definir como tomista, mas, enfim, na falta de uma palavra melhor... -, Ralph McInerny, Stephen Brock, John Wippel, Angel Luiz González, Leonardo Pala, Leo Elders, e um longo etc.

Infelizmente, ainda pouco se conhece desses filósofos na maior parte das nossas universidades, que tendem a valorizar exclusivamente o pensamento de tipo moderno e imanentista, em muitos casos ignorando a filosofia contemporânea inspirada na tradição antiga e medieval. Assim, perdem-se autênticos tesouros filosóficos, que trariam importantes contribuições ao debate atual de ideias.

Apesar disso, é visível o ressurgimento do interesse pelo pensamento clássico e medieval em várias partes do mundo. Nas primeiras décadas do século XX, os tomistas estavam praticamente restritos aos círculos católicos e, na maior parte das vezes, eclesiásticos. De maneira paulatina, filósofos leigos das universidades começaram a se dedicar a essa escola de pensamento e a produzir muito do que há de melhor nela. Isso se deve, em boa parte, ao labor de Etienne Gilson.

O pensamento de Tomás de Aquino vai adquirindo evidentes foros de respeitabilidade. Hoje, não é possível ignorar contribuições como as de John Finnis ou de Alasdair MacIntyre, autores profundamente influenciados pelo tomismo, o qual ganha força nos campos da ética, da política e da filosofia da ciência. Somando-se isso à sua presença na metafísica, na antropologia filosófica e na teologia, vemos que a obra de Tomás tem caráter universal e enciclopédico, abrangendo praticamente todos os domínios do saber humano, e com contribuições relevantes em cada um deles.

4.3. CONATURALIDADE

Santo Tomás tem um conceito, conforme Etienne Gilson que aplica muitas vezes às relações entre seres espirituais: é a *connaturalitas*. Como concreto vem de *com-crescere* - crescer juntamente ou em sintonia - assim *com-naturalitas* aponta para uma convivência ou sintonia de naturezas, uma afinidade natural ou simpatia a

priori. Lembra aquela passagem das Confissões de Agostinho ao indagar porque era tão afeiçoado a um amigo predileto: "*Porque ele era ele, e eu era eu*". Conaturalidade é um conceito análogo ao de Leibniz "*harmonia pré-estabelecida*", que põe em sintonia suas mônadas.

Conaturalidade foi o termo que primeiro me ocorreu para caracterizar a Sto. Tomás de Aquino. No périplo impressionante, em que percorre os grandes pensadores da história da filosofia, em cada um deles, parecendo tratá-los de igual para igual, nota-se sua destacada preferência pelos maiores, em especial Platão e Aristóteles, Plotino e Agostinho e finalmente Hegel. Platão que empreendeu a "segunda navegação" levando-o ao mundo inteligível e à fundação da metafísica; Aristóteles, o pensador universal e sistemático, que continuou e aprofundou as lições de seu mestre. Plotino, o contemplativo, com sua filosofia de rara beleza e elevação. Agostinho, então, por sua grandeza intelectual e testemunho de existência cristã. E por último Hegel, a quem dedicou anos tão fecundos de sua vida intelectual e sobre o qual produziu estudos magistrais como aquela "Parábola da filosofia ocidental: a dialética do Senhor e do Escravo".

O que tanto encontrava em Tomás de Aquino? Parece paradoxo, mas encontrava-se a si mesmo. Tal era a conaturalidade que os unia, que em Tomás se encontrava e se expressava se descobria e se inventava. Lembra aquela passagem final da "Consciência" na Fenomenologia do Espírito, que representa a transição dialética para a "Consciência-de-se": "quando os dois extremos ou interiores (o que é visto e o que vê) coincidem: levantada a cortina do interior, tudo o que lá se descortina é o olhar que o contempla. Se na houver lá dentro a consciência-de-si, alguém que veja, não há mesmo nada para ver".

Na verdade, na base dessa afinidade profunda estavam as fontes comuns que comandaram o processo da formação do pensamento de ambos. E mais profundamente ainda, sua extraordinária vivência do cristianismo, que lhes impregnava o espírito e dava sentido a seu pensamento e à sua existência. Cristo, o Mestre interior, o único Mestre, e segundo o anelo de São Boaventura, "*sapientia mea, thesaurus meus, in quo fixa et immobiliter semper sit radicata mens meã et cor meum*". Uma vida espiritual profunda, "*vita abscondjta cum Christo in Deo*" toda orientada para a contemplação: Tomás era um grande místico.

Diziam os escolásticos e repetiam com Aristóteles. Daí se pode ver quanto uma vida espiritual profunda redundava sobre a meditação filosófica. A começar pela limpidez que proporciona ao olhar da mente, a claridade e paz que transcendem as perturbações das paixões. S. Tomás de Aquino era dito "Doctor Angelicus" por sua transparência espiritual comparável com a dos puros espíritos. Quem conheceu de perto sempre se admirou desse mundo de limpidez e pureza em que seu espírito vivia, como se fosse numa outra dimensão além das perturbações e misérias humanas. Essa intimidade com Cristo, que é a sabedoria e a verdade de Deus, irradiava sobre a vida filosófica de S. Tomás e uma "conaturalidade" com a verdade e com a sabedoria.

Além disso, havia a Bíblia, e muito particularmente, Moisés que Filho de Alexandria, o pioneiro absoluto do confronto entre a tradição grega e a revelação bíblica, considerava um filósofo superior a Platão. Na "metafísica do Êxodo" que S. Tomás e como Filo, Deus se autodefine como "Eu sou o que sou", a plenitude de ser, o próprio "esse subsistens", ou "o ser cuja essência é ser". Riquezas especulativas insondáveis se abrigam nessa concepção, e veremos adiante como meditou sobre elas.

O itinerário filosófico lembra as expedições dos exploradores em busca da nascente dos grandes rios: Amazonas, Nilo. A ver o pensamento de S. Tomás, - "esse esplendor, todo esse largo eflúvio".

Foi este o método que descobriu para aprofundar-se no pensamento de remontar para longe, até às suas origens, para dali voltar com um conhecimento, mas íntimo, pois creio que foi a metafísica que disse: "só conhece bem um ser quem o viu nascer".

Uma das fontes e a principal já estava dada: era essa vivência crítica e a revelação bíblica em que ele, S. Tomás, estava imerso. Mas faltavam os filósofos: Aristóteles, que Tomás chamava simplesmente "o filósofo"; Platão, o Mestre de Aristóteles; Plotino, que foi a ponte entre Platão e Agostinho, e Agostinho, Mestre incomparável de todo o pensar cristão até S. Tomás, e desde então divide o trono com ele, se dedicou a um estudo paciente e aprofundado desses filósofos, em que se tomou um especialista.

Essa "vertente" teológica surge desde os inícios da metafísica: o termo "teologia" vem de Platão, que deu no Banquete e na República o modelo teórico

clássico, da ascensão intelectual para o Absoluto como a Beleza e o Bem transcendentais. Aristóteles chama a Filosofia primeira "teologia" ou "ciência divina". Em Tomás de Aquino essas tradições se uniram à neoplatônica, e foram combinadas em harmonia com a teologia revelada constituindo sua teologia metafísica - uma ciência a posteriori, que parte das estruturas do ser finito, através das cinco vias (movimento, causalidade, contingência, participação, finalidade) seguidas pela tradição metafísica. Essa metafísica não atinge o Primeiro Princípio em si; na verdade "conhecemos a Deus per ignorantiam nostram" (Com. A Dionísio De divinis nominibus, VII): sem atingi-lo propriamente, nos aproximamos pelas "vias da negação, da causalidade e da supereminência". Não se entende por que Tomás deixou fora das provas da existência de Deus três tópicos importantes de sua obra: a) a estrutura analógica do conceito de ser, que implicaria o Absoluto como *princeps analogatum*; b) a dialética da distinção real entre essência e existência no ser finito, o que implica sua identidade no Ser Infinito; c) a estrutura finalista do dinamismo da inteligência, expressa no "desejo natural de ver a Deus"; e, como "um desejo natural não pode ser frustrado, implica a existência de Deus como fim absoluto da inteligência finita. De qualquer forma, são esses os três grandes alicerces intelectuais sobre os quais repousa o edifício da metafísica tomista, sua referência constitutiva ao Absoluto como Ato puro de existir, como Princípio, como Fim.

Mas, como ensina Tomás de Aquino, um ser que assume o infinito ônus metafísico de enunciar o existir dos seres, só pode existir autenticamente ao assumir sua abertura constitutiva ao Absoluto: no consentimento às formas absolutas da Verdade e do Bem e no reconhecimento e da ordenação de todo o seu ser ao Existir transcendente absoluto.

Esta é a atualidade e a grandeza de Tomás de Aquino; tal como entendeu seu intérprete,

4.4. O EXPERIMENTO MEDIEVAL, OU A CONFUSÃO DOS UNIVERSAIS

Etienne Gilson começa sua explicação sobre a filosofia medieval citando a observação de que ela foi pouco mais do que uma tentativa obstinada de resolver um só problema: o dos universais, ou seja, dos conceitos e das ideias gerais. Como podemos explicar que pensemos por conceitos, que aplicamos a vários entes semelhantes - por exemplo, animal, que se pode predicar de um leão, de uma girafa, e do próprio homem -, mas que não existem por si mesmos em nosso mundo? Essa aplicação de um conceito geral a entes individuais tem algo de verdadeiro, ou é apenas uma economia de linguagem, ou mesmo uma ilusão? Em outras palavras: há alguma relação entre o nosso pensamento e a realidade?

A partir dessa questão Gilson explica a filosofia de Pedro Abelardo, célebre pelos seus amores por Heloísa, mas muito mais importante pelo seu pensamento. Segundo Gilson, Abelardo procurou resolver a questão dos universais, profundamente filosófica, com o método e os conceitos da ciência que conhecia a lógica. Aliás, esta era a única ciência cultivada de verdade em sua época, e não estranha que a tenha empregado para o seu propósito de explicar o problema que atormentava os filósofos de então.

A tragédia abelardiana está em que ele ignorava o que outros antes dele - especialmente Aristóteles - escreveram para explicar esse problema. Como escreve Gilson, em uma das centenas de frases lapidares e divertidas Abelardo achava-se nesse feliz estado de ignorância que com tanta facilidade faz com que um homem inteligente seja original. “(...) Ao não ser nada mais do que um professor de Lógica, não havia nada nele de metafísico para envergonhá-lo de não ser mais do que lógico”. Essa falta de vergonha fez com que atravessasse tranquilamente a linha que divide a lógica da filosofia e da metafísica sem se dar conta disso, e o resultado foi um tropeço. Abelardo sustentou que os conceitos com que pensamos não representam nenhuma realidade externa a nós mesmos. Contudo, se assim é, porque aplicamos a palavra "animal" corretamente a alguns entes, e não a empregamos com outros? “Por que chamo animal” ao elefante, ao macaco e ao papagaio, mas não ao quartzo, à hortênsia ou ao anjo? A resposta de Abelardo a essa pergunta nunca foi satisfatória, e ele mesmo foi honesto o suficiente para eliminar todas as pseudo-

soluções que lhe podiam servir. Acabou afirmando que há algo de comum a todos entes dos quais predicamos um nome universal, mas esse algo comum não é uma essência, e sim um estado, uma condição. Era uma forma de ser, mas não uma coisa. O que isso significa exatamente, Abelardo não será capaz de explicar (aliás, parece impossível que o conseguisse). Seu pensamento termina em um beco sem saída.

O logicismo será seguido por outro equívoco, o teologismo. Este consiste em aplicar à filosofia categorias puramente teológicas, o que termina por eliminar a natureza e a consistência da realidade criadas em favor da onipotência e grandeza de Deus. Como afirma Gilson, "por diversas que essas doutrinas (do teologismo) possam ser de acordo com as diferentes épocas, lugares e civilizações em que foram concebidas, parecem-se sempre, ao fim e ao cabo, em que todas se encontram intoxicadas por um determinado sentimento religioso a que chamarei, em favor da simplicidade, sentimento da Glória de Deus".

São Boaventura, um dos maiores teólogos e místicos cristãos, foi um expoente dessa corrente. Demonstra o título de um dos seus escritos místicos: Sobre a redução das Artes à Teologia. A função da filosofia seria conhecer não as coisas, mas Deus através das coisas; seria assim reduzida a um departamento pouco importante da teologia. Contudo, para que a filosofia possa nos levar a Deus, precisa antes ser autêntica filosofia, o que não acontece na concepção do franciscano.

A teoria da iluminação divina no conhecimento, tão cara a Boaventura, se levada às últimas consequências, acaba negando o conhecimento natural: todo o conhecimento passaria a ser sobrenatural e uma dádiva de Deus. Também não existiria causalidade eficiente na ação das criaturas, porque Deus criou tudo desde o início do mundo, o que foi e o que ia ser, e a realidade simplesmente vai se desenvolvendo pela ação divina. O universo é inerte, sem força intrínseca, sendo manejado totalmente por Deus em cada momento.

O teologismo, entendido dessa forma, poderia levar, contra os desejos do sucessor de Francisco de Assis, a concluir que não há liberdade, porque tudo está determinado desde a criação. Essa era a postura de alguns teólogos árabes, que também foram, no âmbito da religião islâmica, partidários do teologismo. Os discípulos de Boaventura perceberam esse perigo e tentaram se afastar dele, sem muito êxito.

A terceira tentativa do experimento medieval foi a de Guilherme de Ockham, franciscano inglês que influenciou a teologia luterana. Considerava-se um aristotélico, mas suas conclusões destruíam tudo o que Aristóteles afirmou. Ao tratar do tema dos universais, Ockham procurou se afastar de qualquer resquício de realismo, que considerava ainda presente em Abelardo. Este seguia considerando haver um fundamento na realidade para dizer que todos os animais têm algo em comum. Já o filósofo inglês afirmará, de maneira radical, que tudo o que existe é individual; por isso, nada pode corresponder na realidade a nossas ideias universais.

Segundo explica Gilson, Ockham chegou a uma "posição pura", e quando isso acontece, dá-se habitualmente uma revolução filosófica. Como nossas ideias não têm nenhuma relação com a realidade, podemos levá-las ao paroxismo. A partir da negação dos universais, o filósofo inglês reconstruirá toda a filosofia e a ciência sobre o individual. Para Ockham, qualquer explicação não contraditória é válida, já que Deus poderia fazer as coisas diferentes do que são em virtude da Sua onipotência. Por isso, os filósofos não devem perder tempo em especular sobre as causas hipotéticas das coisas atualmente existentes, pois no fundo são como são em função da vontade divina.

Antecipando Hume, Ockham destruirá também a causalidade. Porque empurrei uma bola, não posso por isso concluir que a causa do movimento dela foi a minha ação. Afinal, poderia ter havido outro resultado. O que existe é uma mera associação de ideias entre a minha ação e o movimento da bola, que não representa efetivamente que um foi à causa do outro. O conhecimento se torna algo vazio, sem relação com a realidade. Estão abertas as portas para o ceticismo.

De fato, Gilson termina de explicar o experimento medieval mostrando a sua queda no ceticismo, que é a recusa a filosofar, e não propriamente uma filosofia. As várias escolas medievais, que não se entendiam, propiciaram um clima de desconfiança da filosofia. Os pensadores do "outono da Idade Média" (a bela expressão de Huizinga...) querem salvar a religião cristã não na filosofia, mas propondo a simples leitura do Evangelho e dos Padres da Igreja, bem como a adesão a uma moralidade compartilhada com os autores pagãos - daí a fortuna do estoicismo nessa época. Não convinha mais filosofar para buscar entender os problemas profundos da existência humana e do universo.

Nicolau de Cusa e Petrarca seguiram essa linha e a tornaram popular. A douta ignorância tornou-se uma meta a ser atingida, e não um estado incompleto a ser vencido. Nas palavras de Gilson: "quando os escolásticos abandonaram toda esperança de dar resposta aos problemas filosóficos à luz da pura razão, cessou o brilhante e longo caminho da filosofia medieval". Esse cansaço intelectual irá desembocar no mais famoso dos céticos, Montaigne

O pensador francês tem muito de abstruso, e algo de comovente, Percebeu que era preciso fundar uma religião para difundir suas ideias morais e o conhecimento positivo que advogava. Não se afastou do ridículo; antes, mergulhou nele até o fundo, para ser coerente e assim cumprir a sua missão, Isso não o justifica como filósofo, mas o torna o caso exemplar de onde leva a patologia "filosófica assumida em toda a sua inteireza".

Étienne Gilson descreve a decadência do experimento moderno de modo tocante. Deu-se quando a sociedade afastou-se do "credo ocidental", cujo traço mais fundamental é uma firme crença na eminente dignidade do homem. Seu segundo traço é a convicção definida de que a razão é a diferença específica do homem. Ambas as características foram deixadas de lado, e o êxito de então do marxismo e do fascismo era a prova disso.

A terrível afirmação de Marx é o que sobra depois que as filosofias se digladiaram, matando com isso a verdade: "a história de todas as sociedades que até agora existiram é a história da luta de classes". Estamos acostumados com essa afirmação, depois de os termos ouvido nos bancos escolares, muitas vezes como se fosse à summa sabedoria do pensamento ocidental. Mas ela é simplificadora, falsa e nihilista. A história humana é muito mais do que isso, graças a Deus!

A constatação de Gilson de que o ceticismo moderno abriu as portas ao marxismo, que teve um enorme êxito entre os seus contemporâneos por ser o único dogmatismo que consideravam vivo, leva-o a sugerir uma saída para a filosofia, para que esta torne a ser relevante.

A metafísica como filosofia do ser: um remédio indispensável. Após ter nos levado pela mão da filosofia medieval até o pensamento moderno e contemporâneo, Étienne Gilson concluiu seu livro com algumas leis que podem ser inferidas a partir de vários experimentos filosóficos que descreveu. São bastante interessantes, e serviriam de base para a renovação da metafísica aristotélica.

A primeira é que a filosofia sempre enterra seus coveiros. Cada desaparecimento da filosofia é seguida regularmente pela sua ressurreição, com um novo dogmatismo a se apresentar para explicar a realidade. Isso acontece porque o homem tem uma autêntica necessidade de metafísica, que não é saciada nem pode ser elidida.

Chegamos assim à segunda lei: o homem é um animal meta físico por excelência. Sua própria estrutura de razão termina por exigir a metafísica, a explicação da realidade pelas primeiríssimas causas.

A terceira lei é que a Metafísica é o conhecimento ganho por uma razão naturalmente transcendente na busca dos princípios primeiros ou das causas primeiras do que é dado na experiência sensível. Esta última é importante, não pode ser desprezada, como propõem os vários idealismos; contudo, não explica toda a realidade, como consideraram os empirismos e materialismos de diversos matizes.

Por sua vez, a quarta conclusão é como a Metafísica aspira a transcender todo o conhecimento particular, nenhuma ciência particular é competente para solucionar os problemas metafísicos ou julgar as soluções metafísicas. De certo modo, esta é a lição especificamente demonstrada na obra, pois Gilson percebe vários experimentos filosóficos mal fadados exatamente o desrespeito a essa conclusão.

A última lei é que todos os fracassos da Metafísica devem atribuir-se ao fato de que se passou por alto ou se abusou do primeiro princípio do conhecimento humano, que para Gilson e o tomismo é o próprio ser ou, melhor ainda, o ente. Não é pelo pensamento que devemos começar a pensar; seria como se preocupar principalmente com a colher de pau na hora de mexer o doce no tacho. O ente é a meta do nosso conhecimento, e o pensamento e seus conceitos são antes de tudo instrumentos para atingi-lo.

As leis de Gilson levam não a um novo sistema de pensamento, mas sim a uma postura de abertura diante da realidade, semelhante à que tiveram os maiores metafísicos da história, isto é, Platão, Aristóteles e Tomás de Aquino. Nosso pensamento jamais será capaz de esgotar a realidade, mas pode refleti-la de maneira sempre perfectível. Isso é uma lição de humildade e de verdadeira sabedoria.

5. CONCLUSÃO

O pensamento metafísico aristotélico constitui-se como uma das bases mais fortes da filosofia, sendo que sua influência provocou pensadores de épocas posteriores. Observa-se que mesmo nos dias atuais a metafísica aristotélica traz influências consideráveis para a Filosofia. Uma época específica que recebeu influências de Aristóteles e sua Metafísica foi o período medieval. Apesar de ser conhecida erroneamente como “idade das trevas” pela falta de estudos científicos e filosóficos, este período possuiu grandes autores da Filosofia, entre eles São Tomás de Aquino que refletiu sobre a metafísica de Aristóteles e a reformulou para comprovar as teses racionais sobre a existência de Deus.

Conclui-se que o pensamento metafísico de Aristóteles teve e feita validade histórica para a formação da cultura ocidental ao se impor no tempo e espaço com sua visão realista do ser “Ser enquanto Ser” e por esse conceito responde com realismo lógico ao questionamento metafísico a cosmologia pré-socrática ao colocar em evidência a teoria do ato e da potência solucionando o problema da mudança ou do movimento, bem como a problemática do idealismo platônico ao de mostrar que as coisas desse mundo têm existência e essência, realmente, contrárias ao idealismo platônico onde as coisas desse mundo são apenas sombras, meras cópias da verdadeira realidade. E, pelo contexto a metafísica aristotélica faz jus ao predicado de “metafísica realista” exatamente por buscar o conhecimento a partir do próprio mundo do que nos aparece, que se põe aos nos olhos e não ora desse. Pois as coisas desse mundo são reais, tem uma substância, como exemplos, a mesa, a cadeira, o livro, a caneta, e tudo que nos aparece, esta aí. O ser equacionado por Aristóteles não pode ser desligados dos conceitos de essência e existência, ato e potência, matéria e forma, substância e acidentes. E esses conceitos relacionam-se, completam-se uns nos outros para que se explique o ser, conseqüentemente, também, em pertinência das causas. Enfim, seja para explicar o ser móvel ou o ser imóvel, perfeito ou imperfeito, faz-se necessário comportar tais conceitos citados, por uma plena conceituação lógica do “Ser enquanto Ser”.

Para Tomás de Aquino, a definição da essência das criaturas não implica a sua existência e, portanto elas não existem por si mesmas, e sim devido à outra realidade.

A distinção real entre essência e existência torna-se, assim o fundamento metafísico da contingência das criaturas humanas e permite introduzir a idéia de criação.

Apenas em Deus haveria identidade entre a essência e a existência, Deus existe e por si só ele mesmo teria se revelado a Moisés afirmando: “eu sou aquele que sou”.

Deus seria o Puro Ato de existir com a eternidade, a imutabilidade ou a necessidade que lhe pode ser atribuída, mas o próprio existir tomando em si mesmo ao qual nada pode ser acrescentado, por isso seria pressupor uma limitação que lhe cabe.

Tomás de Aquino utiliza-se da metafísica aristotélica e justifica a existência de Deus enquanto ser por si só. Expõe Aquino que:

Mas é o bastante para torná-la capaz de servir de fundamentação racional para os dogmas da revelação cristã e defender a Ontologia da igreja e dar combate as correntes consideradas heréticas, fazendo apelo ao princípio do realismo antológico e (segundo o qual “tudo” que está contido na definição de uma coisa não pertence a esta coisa essencialmente, mas acidentalmente, por outra).²¹

Desse modo, Deus não se identifica a seus atributos, estes é que ao contrário devem ser referidos a ele, pois se é o existir puro, ele é o ser pleno nada podendo ser lhe atribuído e nada lhe faltando. Deus é imóvel e eterno, pois não é possível conceber nele nenhuma transformação.

Segundo Tomás de Aquino a razão pode provar a existência de Deus, a primeira fundamenta-se na constatação de que no universo existe movimento, baseado em Aristóteles.

Considera ainda que todo movimento tenha uma causa que deve ser exterior ao próprio ser e que está em movimento, pois não pode admitir que uma mesma coisa é o principio motor que a faz-se movimentar, sendo este motor tendo que ser movido por outro e assim por diante.

²¹ AQUINO, Tomás de. In. Coleção Os Pensadores. Consultoria: Carlos Lopes de Mattos. São Paulo: Abril Cultural, 1985. p. IX.

Nessas condições é necessário admitir que a série de motores é infinita e não existe um primeiro termo, não podendo assim explicar o movimento, sendo assim a série finita e o seu primeiro motor, seria Deus.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ARISTÓTELES. **Coleção os Pensadores**. 1ª Ed. São Paulo, Ed. Abril, 1973.

_____. **Metafísica**, OBRAS, Ed. Aguilar, 2ª Edición, Madrid (Espanã), 1967, L. 5, cap.8.

AQUINO, S. Tomás de. **Coleção os Pensadores**. São Paulo, Ed. Abril, 1985.

_____. **O Ente e a Essência**. Trad. Odilo Moura, OSB, Presença, 1981.

_____. **Suma Contra os Gentios**. Trad. D. Odilão Moura e Ludgero Jaspers. Rev Luis A. De Boni. Porto Alegre: EDPUCRS, 1996.2 V.

_____. **Suma Teológica**. Trad. Aimom- Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001. v. L 13.

GILSON, Etienne. **A Filosofia na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **O Deus e a Filosofia**. Trad. Aída Macedo. Lisboa: Edições 70, 2002. p. 41 a 60.

_____. **El Tomismo**: Introducción a La Filosofía de Santo Tomás de Aquino. Trad. Alberto Oteiza Quirno. Buenos Aires: Ediciones Desclee de Brouwer, 1960.

GILSON, E; FABRO, C. **O Otimismo de uma Filosofia Cristã do Homem**. In http://www.stoqatpul.org/lat/materials/research07_diceglie.pdf.

MODIN, Battista. **Curso de Filosofia: Os filósofos do ocidente**. V.1 trad.: Bênoni Lemos; revisão de João Bosco de Lavor Medeiros. 6ª Ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1981 (Col. Filosofia)

MUMFORD, Luwis. **A cidade na Historia**. Col. Espírito do nosso tempo. Belo Horizonte, Itatiaia. 1965.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia**. Ed. Paulus.

_____. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Filosofia Pagã**. 2a ed. Trad. Ivo Storniolo. Rev. Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. **História da Filosofia: Patrística e Escolástica**. 2a ed. Trad. Ivo Storniolo. Rev. Zolferino Tonon. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. **História da Filosofia Antiga: As Escolas da Era Imperial**. 2a ed. Trad. Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2001.